

MAIS UMA MARCA DA ESCOLA NAVAL

Capitão de Mar e Guerra (Ref.)
Pedro Gomes dos Santos Filho¹

Pesquisando em revistas “A Galera” da década de 1940, foi encontrada uma frase que chamou atenção. Em um artigo sobre a Escola, o autor assinalou que:

Em 1939, o estudo da decomposição atômica foi introduzido no curso de química do departamento de ciência física, em Villegagnon. A Escola Naval assim ficou sendo a primeira Escola do Brasil e, possivelmente, da América Latina, a iniciar o estudo da ciência atômica (A Galera, 1941).

A afirmação de que a EN foi a primeira escola do país a iniciar o estudo da ciência atômica, caracteriza uma importante marca de pioneirismo, que, ao longo do tempo, parece ter ficado esquecida, mas que não pode deixar de ser lembrada.

A iniciativa de promover o estudo da energia nuclear na Escola foi do Vice-Almirante Álvaro Alberto da Mota e Silva. Sua capacidade intelectual foi evidenciada desde os tempos de Aspirante, quando recebeu, em 1909, o Prêmio GREENHALGH, maior honraria acadêmica concedida pela Escola Naval (EN) aos seus alunos. Em 1916, como Primeiro-Tenente, Álvaro Alberto ingressou no Quadro de Magistério da Marinha e atuou com brilhantismo no Corpo Docente da EN até 1946, exercendo as funções de Instrutor, Lente Substituto de Química, Lente Catedrático de Química, Pólvora e Explosivos e Chefe do Departamento de Ensino Físico-Químico, que mais tarde ganhou a denominação Departamento de Ensino de Ciências Físicas.

No seu último ano como docente da Escola Naval, foi escolhido Parainfo da Turma de Guardas-Marinha

de 1946. Ao discursar, o Diretor da Escola, Contra-Almirante Braz Vellozo, elogiou a acertada escolha.

Na escolha do vosso paraninfo mostrastes o acerto de vossas decisões. A homenagem é justa e oportuna. O Comandante Álvaro Alberto representa brilhantemente o Brasil nas Comissões de Energia Atômica das Nações Unidas e a Escola Naval orgulha-se da ação ali exercida pelo seu professor de Química e Chefe do Departamento de Ciências Físicas.

Respeitado pelo seu talento e pelo seu saber, acatado pela sua atitude hábil e decisiva fez-se estimar pelos demais cientistas componentes daquela Comissão.

Em 1939, com as desconfianças de uns e as dúvidas de outros, incluiu no programa da cadeira de Química deste estabelecimento de ensino – a cisão do átomo de urânio sob o bombardeio neutrônico – cabendo assim a esta Escola Naval a ser a primeira no Brasil e talvez no Continente a ocupar-se de assunto de tanta relevância (Revista Marítima Brasileira, 1946).

No posto de Capitão-Tenente, foi admitido na Academia Brasileira de Ciências (ABC), na qual exerceu por duas vezes o cargo de Presidente. Foi, também, Presidente da Sociedade Brasileira de Química, no período de 1920 a 1928. Além de se tornar uma das maiores autoridades em Química do país, obteve semelhante sucesso no campo da Energia Atômica.

Como bem registrado em livros que tratam da sua biografia, em 1939, ano em que conquistou o Prêmio Einstein da Academia Brasileira de Ciências, incluiu no Programa de Ensino da Escola Naval o estudo da energia atômica, inserindo na sua disciplina um tópico sobre energia nuclear e suas aplicações, o que reforça

¹ Doutor em Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra.

a frase publicada na Revista “A Galera” e as palavras do Diretor da Escola Naval, proferidas em 1946. Seu interesse sobre o assunto o levou a dedicar-se com afinco para o desenvolvimento da Energia Nuclear no país.

Em 1945, já na Reserva Remunerada, mas ainda como docente da Escola Naval, “empenhou-se na organização de um grande seminário de física nuclear, envolvendo os acadêmicos brasileiros que trabalhavam no tema, principalmente pesquisadores de São Paulo e do Rio de Janeiro” (Garcia, 2.000).

No ano seguinte, exercendo a função de Adjunto do Adido Naval nos Estados Unidos da América, representou o Brasil nas reuniões preparatórias e na sessão de abertura da Comissão de Energia Atômica da Organização das Nações Unidas.

Em 1948, foi promovido a Contra-Almirante e, em 1949, atuando como Presidente da ABC, incentivou a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), o que ocorreu em 1951.

Ao ser promovido a Contra-Almirante, foi homenageado pelo Conselho de Instrução da Escola Naval, em cerimônia que contou com a participação do Ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Sylvio e Noronha, do Diretor Geral do Ensino Naval, Almirante Humberto Areia Leão, e de outras altas patentes navais, além da Direção e do Corpo Docente da Escola.

Em 1955, promovido a Vice-Almirante, deu impulso na criação da Comissão Nacional de Energia Atômica no âmbito do CNPq. No ano seguinte, continuou envidando seus melhores esforços em prol do desenvolvimento da Energia Nuclear, tanto para fins pacíficos quanto para a Defesa Nacional. De acordo com o registro do Comandante Antonio Didier Vianna,

Em 1956, o Almirante Álvaro Alberto convenceu o Ministro da Marinha a enviar para os Estados Unidos engenheiros navais de carreira, de várias especialidades, para um curso de extensão em Engenharia Nuclear e estágio de um ano em instalações nucleares. Todos tinham obtido o título de mestrado em universidades americanas. O intuito era construir um grupo capaz de orientar a Marinha quanto aos problemas relacionados com a construção de submarinos nucleares, considerada por ele como o futuro de qualquer Marinha (Vianna, 2013).

Entre 1956 e 1960, sete engenheiros navais, ex-alunos de Álvaro Alberto nos anos 1940, concluíram o curso e puderam dar a sua contribuição para a Marinha e para o Brasil. Ao incluir Física Nuclear no currículo da EN, em 1939, além de incentivar a busca pelo desenvolvimento científico e tecnológico, o Almirante contribuiu, de maneira expressiva, para a formação acadêmica de oficiais que, mais tarde, puderam dar continuidade aos seus esforços em prol do Programa Nuclear da Marinha.

Além de Oficial de Marinha de escol, cientista de renome internacional, empreendedor de sucesso, Álvaro Alberto destacou-se na nobre missão de professor, pela dedicação ao ensino, principalmente na Escola Naval, em que lecionou por 30 anos, sempre preocupado com a preparação dos jovens Aspirantes.

Embora seja difícil afirmar que a EN foi pioneira na América Latina no que tange ao estudo da Energia Nuclear, parece ser bastante aceitável que, sendo o Almirante Álvaro Alberto considerado pioneiro nos estudos sobre a Energia Nuclear no Brasil e o introdutor no Programa de Ensino da nossa Escola o estudo desse assunto em 1939, esteja correta a afirmativa de que, além de ser a Instituição de Ensino Superior mais antiga: “A Escola Naval é a primeira escola a iniciar o estudo da Energia Nuclear no país”.



Figura 1. Almirante Álvaro Alberto

REFERÊNCIAS

- A GALERA. Revista do Corpo de Alunos da Escola Naval. Rio de Janeiro, 1925 -1947.
- GARCIA, João Carlos Vitor. *Álvaro Alberto. A ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 2000.
- REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 1946.
- VIANNA, Antonio Didier. *Competitividade e a indústria brasileira: por que o Brasil não é competitivo?* 1. ed. Rio de Janeiro: Jagatirica Digital, 2013.